Revista de História Comparada
ISSN: 1981-383X
Ano 20 – Edição 20 – Número 01

ENTRE POMME E CULLEN:

TRANSIÇÃO PARA MEDICINA NERVOSA E ALIMENTAÇÃO TERAPÊUTICA NAS DOENÇAS FEMININAS DO SÉCULO XVIII

Pablo Gatt*
Anny Mazioli**

Resumo: O artigo analisa as relações entre alimentação, terapêutica e teoria médica em tratados dedicados às doenças femininas no final do século XVIII, particularmente à histeria. A partir das obras de Pierre Pomme (Traité des affections vaporeuses des deux sexes, 1760) e William Cullen (First lines of the practice of physic, 1785) examina-se a transição entre explicações hipocrático-humorais e modelos centrados no sistema nervoso, enfatizando o papel da alimentação na medicina nervosa setecentista. Caldos, tisanas, leites, águas vegetais e regimes moderados aparecem como instrumentos terapêuticos voltados à regulação da sensibilidade e da excitabilidade nervosa. O estudo mobiliza ainda o Jornal Encyclopedico (1789), evidenciando a circulação dessas concepções no espaço luso-português. Argumenta-se que os regimes alimentares ultrapassavam a dimensão fisiológica, articulando-se à normatização das emoções e da feminilidade por meio da disciplina cotidiana do corpo.
Palavras-chave: História da medicina; Histeria; Dietética; Século XVIII; Alimentação terapêutica.

Abstract: This article examines the relations between diet, therapeutics, and medical theory in treatises dedicated to female diseases in the late eighteenth century, particularly hysteria. Drawing on the works of Pierre Pomme (*Traité des affections vaporeuses des deux sexes*, 1760) and William Cullen *First lines of the practice of physic,* 1785), it analyzes the transition from Hippocratic-humoral explanations to models centered on the nervous system, emphasizing the role of food in eighteenth-century nervous medicine. Broths, herbal infusions, milk-based preparations, and moderate dietary regimes were conceived as therapeutic tools aimed at regulating sensibility and nervous excitability. The study also mobilizes the *Jornal Encyclopedico* (1789), highlighting the circulation of these conceptions within the Portuguese-speaking world. It argues that dietary prescriptions exceeded the strictly physiological sphere, contributing to the regulation of emotions and femininity through the everyday discipline of the body.
Keywords: History of medicine; Hysteria; Dietetics; 18th Century; Therapeutic nutrition.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor Substituto na Universidade Federal do Espírito Santo.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2410-2645; E-mail: gattpablo@gmail

**Doutoranda em História em regime de cotutela entre o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo e a Universidade de Coimbra.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6655-970X; E-mail: anny.mazioli@gmail.com

Introdução

O presente artigo examina a incorporação da alimentação às práticas terapêuticas dirigidas às enfermidades femininas no final do século XVIII, com especial atenção à histeria. O *corpus* documental é composto por dois tratados médicos: *Traité des affections vaporeuses des deux sexes* (1760) de Pierre Pomme e *First lines of the practice of physic* (1785) de William Cullen. Por meio destes tratados, analisaremos de que maneira prescrições dietéticas, formas de preparo e regimes de ingestão se vinculavam às reconfigurações do pensamento científico setecentista, em um contexto marcado pela coexistência entre referenciais oriundos da tradição hipocrático-humoral e formulações que passaram a conferir centralidade crescente ao sistema nervoso na interpretação dos processos patológicos.

Nesse contexto, emprega-se a expressão medicina nervosa como categoria analítica para designar um conjunto de formulações médicas que atribuem ao sistema nervoso papel central na regulação das funções vitais e na etiologia das doenças, sem pressupor a existência de um campo unificado ou plenamente consolidado na época. A circulação de autores como William Cullen (1790) e Pierre Pomme (1812), por meio de traduções, comentários e apropriações portuguesas, nos permite observar a difusão dessas concepções no espaço luso-atlântico.

Pomme representa a medicina francesa e a transitória concepção de vapores, enquanto Cullen, médico escocês cria o termo neurose e desenvolve o que chamamos aqui de "medicina nervosa". A análise privilegia a identificação de prescrições terapêuticas, com especial atenção aos regimes alimentares, buscando compreender como esses elementos são descritos, organizados e justificados nos textos. Considera-se, ainda, a forma como tais prescrições se articulam às concepções fisiológicas mobilizadas pelos autores.

Ambos tratados indicam que a dieta era concebida como elemento ativo de intervenção sobre o corpo doente. Em diversos casos que serão apresentados, o tratamento organiza-se em torno de caldos, leites, tisanas, águas vegetais e regimes progressivos de alimentação, prescritos conforme sua ação esperada sobre a irritabilidade e a sensibilidade nervosa. Nesse sentido, a alimentação não aparece como complemento, mas como parte integrante da prática terapêutica.

A incorporação desses regimes alimentares relaciona-se no imaginário da época a difusão de modelos fisiológicos que deslocavam a explicação das doenças femininas do útero para o sistema nervoso. A partir dessa perspectiva, os alimentos passam a ser classificados

segundo seus efeitos estimulantes ou calmantes sobre a economia animal: substâncias consideradas excitantes, como vinhos, carnes fortes ou especiarias, tenderiam a agravar os sintomas, enquanto preparações leves e diluídas figuram como meios de moderação da sensibilidade. A prescrição médica aproxima-se, assim, de uma normatização dos hábitos cotidianos, na qual o preparo culinário assume papel relevante.

Os relatos clínicos de Pomme e Cullen indicam ainda que diferentes terapêuticas eram frequentemente realizadas no ambiente doméstico, exigindo preparo diário e acompanhamento contínuo e nos revelando as nuances do cotidiano. O médico descrevia substâncias, modos de preparação, temperaturas, intervalos de ingestão e progressão das dietas. Desse modo, delineia-se uma zona de interseção entre práticas médicas e saberes domésticos, na qual cozinhar e tratar aparecem articulados. A documentação permite supor que a cozinha doméstica operava, ao menos parcialmente, como espaço de execução da terapêutica prescrita. Mas, mais do que isso, os regimes alimentares da medicina nervosa constituíam formas de administração cotidiana das emoções femininas, articulando terapêutica, disciplina dos hábitos e controle da sensibilidade em corpos concebidos como naturalmente frágeis e excitáveis.

A associação entre feminilidade e sensibilidade nervosa nos discursos clínicos setecentistas possibilita analisar essas prescrições terapêuticas também à luz da historiografia das emoções e dos estudos de gênero. A noção de regimes emocionais, proposta por William Reddy, demonstra como determinadas formas de sentir e expressar sentimentos eram socialmente valorizadas ou reprimidas em contextos históricos específicos. Em articulação com a perspectiva do *gendering emotions*, observa-se que os discursos médicos setecentistas tendiam a associar as mulheres à hipersensibilidade, à fragilidade nervosa e ao descontrole das paixões.

Nesse sentido, as reflexões de Judith Butler (1990; 1995) acerca da constituição generificada dos sujeitos e as análises de Pierre Bourdieu (1998) sobre a naturalização das hierarquias de gênero permitem pensar a medicina nervosa não apenas como produção de conhecimento sobre o corpo, mas também como mecanismo de normatização das condutas e emoções femininas. Assim, os regimes alimentares prescritos para as doenças nervosas podem ser interpretados não apenas como intervenções terapêuticas, mas como práticas cotidianas de regulação da sensibilidade e disciplinamento do corpo feminino.

Contextualização: mudança de paradigmas médico-científicos

A medicina europeia dos séculos XVII e XVIII foi marcada por um processo gradual de transformação nos modos de compreender o corpo, as emoções e a doença. Durante grande parte desse período, as explicações de matriz hipocrático-galênica permaneceram influentes, sustentando a ideia de que a saúde dependia do equilíbrio entre os humores corporais. Nesse quadro, as chamadas paixões da alma, categoria que englobava estados como melancolia, histeria e hipocondria, eram entendidas como manifestações simultaneamente físicas e morais, resultantes tanto de desequilíbrios internos quanto da relação do indivíduo com seu ambiente. Assim, fatores como alimentação, sono, exercício e emoções, os chamados não-naturais, ocupavam papel central na manutenção da saúde e na condução terapêutica, evidenciando uma medicina profundamente articulada ao regime de vida. Como observa Jean Starobinsk (2016, p. 42): "Na medicina das paixões, o homem é um composto indissociável. Curar a melancolia ou a hipocondria exigia retificar o 'regime de vida', pois os movimentos da alma alteravam imediatamente o movimento dos humores e o calor interno do corpo". Com isso, o autor compreende que a terapêutica não se restringia ao tratamento do corpo, mas buscava igualmente restabelecer o equilíbrio entre os aspectos físicos, emocionais e morais da existência humana.

Nesse percurso, a partir do final do século XVII, esse modelo explicativo passou a ser tensionado por novas abordagens que buscavam fundamentar o funcionamento do corpo em bases mais mecanicistas e fisiológicas. O desenvolvimento de teorias que enfatizavam o papel do sistema nervoso, impulsionadas por autores como Descartes, em *As paixões da alma* de 1649 e aprofundadas ao longo do Setecentos, promoveu um deslocamento progressivo das explicações centradas nos humores para interpretações que privilegiavam a sensibilidade, a irritabilidade e o funcionamento das fibras nervosas. Nesse contexto, doenças tradicionalmente associadas ao excesso ou corrupção de substâncias corporais passaram a ser reinterpretadas como desordens funcionais do sistema nervoso, abrindo caminho para a formulação de categorias como as neuroses e para a consolidação de uma nova racionalidade médica.

Essa transformação, contudo, não ocorreu de forma abrupta, mas por meio da sobreposição e da reconfiguração de diferentes modelos explicativos e práticas terapêuticas. Como observa Roy Porter (2014), por mais de dois milênios a teoria humoral constituiu a principal linguagem para compreender a saúde e a doença, concebendo o ser humano em

estreita correspondência com o macrocosmo. Nessa perspectiva, o equilíbrio dos humores corporais dependia diretamente da interação entre fatores externos, como o clima e a alimentação, e fatores internos, especialmente as paixões da alma (Porter, 2004). Essa permanência evidencia que, mesmo diante das transformações científicas dos séculos XVII e XVIII, a medicina continuou fundamentada em uma concepção integrada do corpo, na qual elementos físicos, ambientais e emocionais permaneciam indissociáveis.

É precisamente nesse contexto de permanências e reinterpretações que se compreende a incorporação das novas teorias nervosas à prática médica. Elementos herdados da tradição humoral, sobretudo a centralidade do regime de vida e da regulação cotidiana do corpo, foram preservados, mas passaram a ser reinterpretados à luz de novos referenciais fisiológicos. Assim, a alimentação permaneceu como um instrumento privilegiado de intervenção médica, agora compreendida não apenas em termos do equilíbrio dos humores, mas também de seus efeitos sobre a sensibilidade e a estabilidade do sistema nervoso. Observa-se, portanto, a coexistência de diferentes estratégias terapêuticas. Em alguns textos, como o artigo de Jozé Chaves publicado no *Jornal Encyclopédico* em 1789, regimes alimentares prolongados convivem, ou mesmo entram em tensão, com intervenções mais tradicionais, como as sangrias reiteradas. Essa sobreposição revela que distintos modelos médicos continuaram sendo mobilizados simultaneamente no interior de um mesmo horizonte terapêutico, refletindo um processo de transição marcado mais pela acomodação do que pela substituição de paradigmas.

Dessa forma, a análise por nós empreendida aponta que, no período estudado, a alimentação ocupava posição intermediária entre medicamento e hábito cotidiano. Preparações ingeridas repetidamente, como caldos, bebidas medicinais e conservas, configuravam uma farmacologia incorporada à vida diária. Tais práticas nos permitem atrelar a terapêutica das doenças nervosas femininas como forma de organização do regime de vida, estruturada por intervenções contínuas e privadas. Sugere-se, portanto, que a alimentação constituía um dos principais meios de operacionalização da terapêutica médica. A difusão da chamada medicina nervosa não se limitou à reformulação teórica das causas da histeria, mas implicou também a reorganização prática do tratamento no cotidiano, por meio de regimes alimentares cuidadosamente prescritos e monitorados.

Ao observar a frequência e o detalhamento dessas prescrições, torna-se plausível considerar que a intervenção médica se realizava, em grande medida, por meio da administração reiterada de preparações culinárias, permitindo pensar a cozinha como um dos

espaços concretos de aplicação do saber médico. É nesse cenário de transição, marcado pela coexistência de diferentes paradigmas, que se inscrevem os tratados de Pierre Pomme e William Cullen, cujas propostas terapêuticas permitem observar, de forma particularmente elucidativa, a articulação entre teoria médica e práticas concretas de tratamento no final do século XVIII.

Pierre Pomme, a teoria dos vapores e as práticas culinárias

Pierre Pomme foi um médico francês nascido em 1728, em Arles, formado pela Faculdade de Medicina de Montpellier, e que alcançou significativa projeção no cenário sanitário do século XVIII. Atuou como consultor de Luís XV e construiu uma carreira marcada tanto por reconhecimento institucional quanto por intensas controvérsias. Longe de permanecer como uma figura marginal, Pomme inseriu-se nos circuitos eruditos e aristocráticos de seu tempo, tornando-se conhecido sobretudo por seu envolvimento nos debates em torno das chamadas doenças nervosas. Sua notoriedade foi amplificada não apenas por sua prática clínica, mas também por sua habilidade em explorar disputas públicas e críticas médicas como forma de consolidar sua autoridade, posicionando-se como uma figura central em meio às controvérsias terapêuticas do período (Arnaud, 2009, p. 219).

Sua principal obra, *Traité des affections vaporeuses des deux sexes*, publicada pela primeira vez em 1760 e reeditada diversas vezes ao longo do século XVIII, teve ampla circulação europeia e desempenhou papel fundamental na difusão de novas abordagens sobre as doenças nervosas. No tratado, Pomme propõe uma explicação baseada no endurecimento das fibras e na secura dos corpos, articulando uma leitura que se afasta parcialmente do modelo humoral tradicional. Mais do que a formulação teórica, contudo, sua obra se destaca pela centralidade atribuída à terapêutica.

O autor privilegia a descrição detalhada de casos clínicos e dos efeitos de seus tratamentos, como banhos frios prolongados, sangrias moderadas e regimes alimentares à base de caldos. Ao enfatizar a observação contínua dos pacientes e os resultados obtidos, Pomme desloca o foco da etiologia para a prática, transformando o relato clínico em instrumento de legitimação de sua medicina e contribuindo para a reconfiguração das relações entre teoria, experiência e intervenção no final do século XVIII (Arnaud, 2009, p. 219-220).

A obra de Pierre Pomme insere-se em um momento de intensa circulação e disputa de modelos médicos, no qual explicações baseadas na secura e rigidez das fibras corporais

coexistem com práticas herdadas do humoralismo. Seus tratamentos, centrados em banhos prolongados e na ingestão de caldos, evidenciam a centralidade da alimentação como recurso terapêutico, articulando observação clínica contínua, regimes de vida e uma medicina voltada à regulação cotidiana do corpo.

No *Traité des affections vaporeuses des deux sexes*, Pierre Pomme atribui à alimentação um papel central na terapêutica das doenças nervosas, particularmente aquelas associadas à histeria e aos chamados vapores. Suas prescrições incluem o uso sistemático de caldos leves, especialmente de galinha, vitela e, em alguns casos, rã, preparados de forma diluída e administrados em regime contínuo ao longo do dia. Tais preparações são indicadas em estados de fraqueza, convulsões e exaustão nervosa, funcionando como forma de nutrição gradual do corpo sem provocar excitação. Ao privilegiar substâncias líquidas e de fácil digestão, Pomme propõe uma intervenção que atua diretamente sobre o equilíbrio fisiológico do organismo, evidenciando a incorporação da dieta como instrumento terapêutico ativo (Pomme, 1763, p. 19).

> Os diluentes e os umectantes parecem-me os mais apropriados e mesmo os únicos necessários para cumprir meu objetivo; quero dizer: os banhos domésticos simples, compostos, mornos e frios; os pedilúvios, os lavamentos refrescantes, aqueles de água comum fria e até mesmo gelada, conforme o caso e a estação; as fomentações com ervas emolientes; as tisanas refrescantes, a água de galinha; o petit lait [soro de leite], clarificado ou destilado; os caldos de galinha, de tartaruga, de cordeiro, de pulmão de vitela e de rãs; as poções oleosas, suavizantes e mucilaginosas (Pomme, 1763, p.19).
>
> As emulsões gordurosas, as poções oleosas, emolientes e mucilaginosas [...] são absolutamente necessárias para desembaraçar as primeiras vias das matérias irritantes. [...] A tisana de galinha substituirá então todas as poções estomacais e cordiais das quais se costuma fazer uso, e não tardará a dar provas de sua eficácia (Pomme, 1763, p. 31).

Além dos caldos, o autor prescreve o uso frequente de leite e derivados leves, como o *petit lait* (soro), bem como tisanas e águas vegetais, administradas de forma repetida ao longo do tratamento. Esses líquidos são particularmente recomendados em casos de irritabilidade, hipersensibilidade e perturbações nervosas persistentes, sendo concebidos como meios de suavizar as fibras corporais e reduzir a excitação do sistema nervoso. Em situações mais graves, Pomme indica regimes predominantemente líquidos, nos quais a ingestão contínua dessas preparações substitui parcialmente a alimentação sólida. Paralelamente, alimentos considerados fortes, como carnes pesadas, vinhos e especiarias, são evitados, por serem

entendidos como agentes excitantes capazes de agravar os sintomas nervosos (Pomme, 1763, p. 31-32).

> O leite de jumenta, o petit lait [soro de leite] e a abstinência total do vinho prevenirão os efeitos funestos desse humor estranho; e ouso mesmo afirmar que eles sufocariam seu germe, caso se recorresse prontamente a eles (Pomme, 1763, p. 29).
> Foi com essa intenção que propus fazer a doente respirar um ar campestre, tomar banhos, leite, petit lait [soro de leite], caldos de galinha, de tartaruga, cremes; associando-lhes, em certos momentos, os antiepilépticos e, em outros, os anti-histéricos (Pomme, 1763, p. 76).

Essas prescrições alimentares articulam-se diretamente à teoria médica proposta por Pomme, segundo a qual as doenças nervosas decorrem de um processo de secura e endurecimento das fibras do corpo. Nesse sentido, a dieta, composta por líquidos, caldos e preparações leves, atua como meio de reidratação e amolecimento dessas estruturas, contribuindo para a modulação da sensibilidade e para a restauração das funções corporais. A terapêutica alimentar, portanto, assume função fisiológica diretamente articulada ao tratamento das afecções nervosas integrando-se a outras práticas, como os banhos frios prolongados, em um regime contínuo de intervenção sobre o corpo. Tal configuração nos permite compreender a medicina de Pomme como uma prática que opera no cotidiano, na qual a preparação e administração dos alimentos desempenham papel fundamental na condução do tratamento.

> O paroxismo histérico manifesta-se ainda comumente por cólicas violentas, acompanhadas de diarreia e vômitos; sintomas cheios de perigo quando são mal tratados. As emulsões gordurosas, as poções oleosas, emolientes e mucilaginosas, associadas aos narcóticos, serão aqui de grande auxílio. Esses remédios agirão ora como catárticos, ora como vomitivos, segundo a sensibilidade das fibras do estômago e das entranhas, e são absolutamente necessários para desembaraçar as primeiras vias das matérias irritantes que, ao aumentarem os sintomas, se oporiam ao efeito dos calmantes. A tisana de galinha substituirá então todas as poções estomacais e cordiais das quais se costuma fazer uso, e não tardará a dar provas de sua eficácia. O clou vaporoso [“prego histérico”], que se encontra tão frequentemente na afecção histérica, não conhece outro específico além da água fria aplicada sobre a cabeça e, em seguida, o banho morno, que substituirá os narcóticos aos quais ordinariamente se recorre e que são muito suspeitos. A tosse convulsiva, à qual as mulheres vaporosas são tão sujeitas, cederá constantemente às fomentações e à tisana de galinha. Na síncope, preferir-se-ão os lavamentos frios a todos os irritantes. A cardialgia, que sempre a precede ou a sucede, não resistirá por muito tempo a uma abundante ingestão de água morna, na falta da tisana de galinha, às poções oleosas e calmantes e aos lavamentos frequentes (Pomme, 1763, p. 30-32).

Pierre Pomme também associava certas afecções femininas ao acúmulo de sangue menstrual, entendido como fator capaz de produzir compressão interna, tensão espasmódica dos nervos, exacerbação da sensibilidade e enrijecimento das fibras. Segundo essa interpretação, tal quadro poderia desencadear manifestações convulsivas próximas à epilepsia. Nesse contexto, a promoção da evacuação menstrual figurava como recurso terapêutico central, o que levava à discussão sobre os meios mais adequados para provocá-la. Provocar a evacuação menstrual se torna uma estratégia para curar essa compressão, portanto, questiona-se quais são os meios de produzir essa evacuação?

Em sua obra, Pomme relata o caso de uma religiosa de 22 anos acometida por uma leve hemoptise, que reaparecia periodicamente. O ventre apresentava-se tenso, elevado e doloroso, enquanto as regras escorriam muito pouco, quadro que, em sua interpretação, reforçava o diagnóstico de afecção histérica. Inicialmente, realizou-se uma sangria no pé, mas sem resultado. Em seguida, os lavamentos frios, a tisana de galinha e os banhos domésticos foram apontados como responsáveis por eliminar, em pouco tempo, um mal ainda incipiente, que de outro modo não teria deixado de se desenvolver e agravar (Pomme, 1763, p. 111-115).

A transição das explicações humorais para as teorias nervosas não implicou apenas uma reformulação das causas das doenças femininas, mas também uma reorganização concreta das práticas terapêuticas. Nesse processo, a alimentação deixou progressivamente de atuar apenas como elemento auxiliar do regime de vida para assumir função mais diretamente relacionada à modulação da sensibilidade e da excitabilidade nervosa.

A circulação dessas concepções médicas no espaço luso-português pode ser observada em periódicos como o *Jornal Encyclopedico*, de 1789, que discute explicitamente autores como Pierre Pomme, Thomas Sydenham, Friedrich Hoffmann e George Cheyne em relação às afecções histéricas. O periódico associa os vapores femininos não apenas à constituição nervosa das mulheres, mas também a hábitos cotidianos considerados nocivos, como o sedentarismo, o luxo e o consumo excessivo de chá, chocolate e café, descritos como substâncias capazes de estimular e enfraquecer os nervos. Ao mesmo tempo, recomenda terapêuticas baseadas em banhos, tisanas, leites e regimes moderados, evidenciando a centralidade da alimentação e da regulação dos hábitos na medicina nervosa setecentista.

O artigo de Chaves no *Jornal Encyclopedico* de janeiro de 1789 evidencia a centralidade da alimentação na terapêutica das afecções nervosas femininas no final do século XVIII. Ao discutir os chamados vapores histéricos, o periódico associa diretamente o

tratamento dessas enfermidades à administração contínua de substâncias alimentares e líquidos considerados capazes de regular os nervos e moderar a sensibilidade corporal. Em diferentes passagens aparecem prescrições de tisanas, leites, banhos e preparações leves administradas por longos períodos, indicando uma medicina profundamente articulada ao cotidiano e ao regime de vida.

Logo, a terapêutica não se limitava à administração pontual de medicamentos, mas organizava-se em torno de práticas repetidas de alimentação, hidratação e disciplina corporal, evidenciando a incorporação da dieta como instrumento de intervenção sobre o corpo nervoso.

O periódico também estabelece uma relação direta entre determinados alimentos e o agravamento das doenças nervosas, especialmente entre mulheres. Nas páginas 39–41, Chaves afirma que o consumo excessivo de chá, chocolate e café funcionaria como poderoso estímulo dos nervos, contribuindo para o desenvolvimento de histeria, hipocondria e outros distúrbios da sensibilidade. O chá é descrito como capaz de fermentar esta queixa, enquanto chocolate e café aparecem associados ao enfraquecimento corporal e à excitação nervosa. Essas substâncias são vinculadas sobretudo às mulheres de vida sedentária e aos hábitos das elites urbanas, articulando alimentação, nervos e feminilidade em uma mesma lógica médica e moral. Nesse contexto, a distinção entre alimentos calmantes e estimulantes ultrapassava preocupações estritamente fisiológicas, participando também da construção de modelos de comportamento feminino marcados pela moderação, pela contenção das paixões e pelo controle cotidiano da sensibilidade.

William Cullen, a teoria nervosa e as mudanças nas prescrições de alimentação

William Cullen (1710-1970), foi uma das principais figuras da medicina escocesa do século XVIII e desempenhou papel fundamental na consolidação das teorias nervosas no interior da medicina iluminista. Professor da Universidade de Edimburgo, Cullen tornou-se amplamente conhecido por suas formulações nosológicas e pela sistematização das chamadas doenças nervosas, contribuindo para o deslocamento progressivo das explicações humorais em direção a interpretações centradas no funcionamento do sistema nervoso. Em suas classificações médicas, introduziu o termo neurose para designar um conjunto de enfermidades caracterizadas por perturbações da sensibilidade e do movimento, sem a presença necessária de lesões orgânicas visíveis. A partir dessa perspectiva, doenças como

histeria, hipocondria e melancolia passaram a ser compreendidas como distúrbios funcionais relacionados à irritabilidade e à excitabilidade nervosa.

No sistema médico de William Cullen, as afecções histéricas deixam de ser compreendidas prioritariamente como resultado de desequilíbrios humorais ou perturbações uterinas e passam a ser classificadas no interior de uma nova categoria de doenças nervosas. Em sua *Synopsis of Methodical Nosology* (1769), Cullen organiza as enfermidades segundo critérios fisiológicos e sintomáticos, criando uma classe específica para os *nervous disorders*, distinta tanto das febres quanto das caquexias. O autor conceitua que essas doenças atingem principalmente o sistema nervoso e não o estado dos fluidos corporais, a não ser secundariamente, deslocando a etiologia das afecções para o funcionamento dos nervos e das fibras sensíveis. Essa reorganização teórica vincula-se diretamente à introdução do conceito de neurose, empregado por Cullen para reunir enfermidades caracterizadas por perturbações da sensibilidade, do movimento e das funções mentais, entre as quais se incluem a histeria e a hipocondria. Dessa maneira, a atividade intelectual de Cullen foi decisiva para consolidar a compreensão dessas doenças como desordens reais do sistema nervoso, contribuindo para a transição entre a medicina humoral e a medicina nervosa (Cullen, 1769, p. 87).

Embora a *Synopsis* seja predominantemente nosológica e classificatória, ela permite compreender como Cullen articulava terapêutica e fisiologia. O autor sustenta que doenças semelhantes podem ser reconhecidas pelos efeitos produzidos pelos mesmos remédios, afirmando que "*disorders which are cured altogether by the same remedies are of the same nature*" (Cullen, 1769, p. 15). Ao mesmo tempo, Cullen adverte que diferentes enfermidades exigem tratamentos distintos e cuidadosamente ajustados às espécies e variedades das doenças. Essa preocupação evidencia uma medicina voltada menos para a evacuação de humores e mais para a regulação funcional do organismo.

No caso das afecções histéricas e hipocondríacas, Cullen relaciona os sintomas a distúrbios digestivos, languidez, tristeza, medo e perturbações da sensibilidade nervosa, classificando-os entre as doenças nervosas e melancólicas (Cullen, 1785, p. 3-4). A terapêutica derivada dessa concepção privilegiava intervenções capazes de moderar a excitabilidade do sistema nervoso e restaurar o equilíbrio funcional do corpo, o que incluía a regulação da alimentação, dos hábitos cotidianos, do sono, dos estímulos e das paixões.

No pensamento médico de William Cullen, o tratamento das afecções histéricas deveria concentrar-se na moderação da excitabilidade nervosa e na regulação geral das

funções do corpo. Partindo da concepção de que tais enfermidades resultavam de distúrbios do sistema nervoso, Cullen propunha terapêuticas voltadas a evitar excessos de estímulo, fortalecer o organismo sem provocar irritação e restabelecer o equilíbrio funcional por meio da administração cuidadosa dos hábitos cotidianos.

Nesse contexto, a alimentação ocupava papel central no tratamento, sendo prescrita sob a forma de regimes leves e moderados, compostos por alimentos de fácil digestão e refeições controladas, evitando-se excessos capazes de intensificar a sensibilidade nervosa (Cullen, 1785, p. 87). Substâncias consideradas estimulantes, como vinhos fortes, bebidas alcoólicas, especiarias e alimentos pesados, deveriam ser restringidas, pois eram entendidas como fatores de agravamento da irritabilidade e dos sintomas histéricos. A terapêutica incluía ainda a regulação do sono, a prática de exercícios moderados, o controle das paixões, o contato com ar puro e a manutenção de uma rotina equilibrada, articulando medicina e disciplina cotidiana. Em suas obras terapêuticas, especialmente *First Lines of the Practice of Physic (*1785), Cullen também recomendava o uso controlado de medicamentos calmantes, como ópio em doses moderadas, antiespasmódicos e tônicos suaves, concebidos como instrumentos auxiliares na estabilização do sistema nervoso.

Considerações finais

Os regimes alimentares prescritos para as afecções nervosas femininas no final do século XVIII não podem ser compreendidos apenas em termos estritamente fisiológicos. As dietas leves, moderadas, calmantes e antiestimulantes recomendadas por autores como Pierre Pomme e William Cullen articulavam-se também a concepções morais e sociais acerca da feminilidade. Ao evitar substâncias consideradas excitantes, como vinhos, especiarias e alimentos pesados, e privilegiar preparações suaves e controladas, a terapêutica médica buscava não apenas reduzir sintomas nervosos, mas produzir corpos mais moderados, disciplinar paixões e regular comportamentos entendidos como adequados às mulheres. Nesse sentido, a alimentação operava simultaneamente como prática terapêutica e tecnologia cotidiana de controle da sensibilidade, participando da construção de uma feminilidade associada à contenção emocional, à delicadeza e à estabilidade dos nervos.

Diferentemente de Pierre Pomme, cuja terapêutica se organizava em torno da umidificação das fibras por meio de banhos frios e regimes líquidos prolongados, Cullen formula uma medicina mais sistemática e abstrata, centrada na ideia de excitabilidade

nervosa. Nesse contexto, alimentos, bebidas e práticas cotidianas passam a ser avaliados segundo seus efeitos estimulantes ou debilitantes sobre o sistema nervoso. A dieta integra, assim, um regime terapêutico voltado à moderação da sensibilidade e ao controle das funções corporais, refletindo a transformação progressiva da medicina do final do século XVIII: o foco deixa de ser a eliminação de substâncias mórbidas e desloca-se para a administração contínua do funcionamento nervoso do organismo. Essa mudança paradigmática evidencia como a medicina nervosa reorganizou práticas tradicionais, entre elas a dietética, em novos termos fisiológicos e funcionais.

A análise dos tratados de Pierre Pomme e William Cullen nos permite observar que a transição das explicações hipocrático-humorais para as teorias nervosas não se restringiu à reformulação abstrata das causas das doenças femininas, mas implicou profundas transformações nas práticas terapêuticas e nos modos de intervenção sobre o corpo. Ao longo do século XVIII, histeria, vapores e outras afecções tradicionalmente associadas ao útero passaram progressivamente a ser compreendidas em termos de sensibilidade, irritabilidade e funcionamento do sistema nervoso. Contudo, as permanências humorais observadas nos tratados evidenciam um processo de mudança em que a tradição humoral coexistiu com as novas formulações fisiológicas, produzindo formas híbridas de interpretação e tratamento.

Nesse contexto, a alimentação ocupou posição central. Caldos, tisanas, leites, águas vegetais e regimes moderados não figuravam apenas como complementos do tratamento, mas como instrumentos diretamente articulados às concepções médicas sobre o corpo nervoso. Em Pomme, os líquidos e preparações leves buscavam combater a secura e o endurecimento das fibras. Em Cullen, a dieta era reorganizada segundo a lógica da moderação dos estímulos e da regulação da excitabilidade nervosa. Em ambos os casos, observa-se uma terapêutica baseada na administração contínua do cotidiano, na qual cozinhar, alimentar e tratar tornavam-se práticas profundamente interligadas.

A documentação analisada sugere ainda que tais prescrições ultrapassavam o campo estritamente fisiológico. As dietas leves, calmantes e antiestimulantes articulavam-se a expectativas morais e sociais acerca da feminilidade, produzindo formas de disciplinamento da sensibilidade e das paixões femininas. A medicina nervosa participava, assim, não apenas da reorganização dos saberes médicos, mas também da normatização dos comportamentos e emoções das mulheres. Nesse sentido, a cozinha doméstica pode ser compreendida como um dos espaços concretos de operacionalização desse saber clínico funcionando simultaneamente

como espaço terapêutico, cotidiano e disciplinador. O estudo dessas práticas alimentares permite, portanto, compreender de maneira mais ampla as relações entre medicina, gênero, emoções e vida cotidiana no final do século XVIII.

Agradecimentos e apoios: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

Referências

ARNAUD, Sabine. Citation and Distortion: Pierre Pomme, Voltaire and the Crafting of a Medical Reputation. **Gesnerus**, v. 66, n. 2, p. 218–236, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2019. (1990, 1. ed.).

BUTLER, Judith. Melancholy gender — refused identification. *In*: **Psychoanalytic Dialogues: The International Journal of Relational Perspectives**, 5:2, 1995. p. 166-168.

CULLEN, William. **Synopsis of methodical nosology**. Edinburgh: William Creech, 1769.

CULLEN, William. **First lines of the practice of physic**. New edition. Isaiah Thomas: Edinburgh, 1808 [1785].

CHAVES, Jozé Manoel. **Jornal encyclopedico** dedicado à Rainha Nossa Senhora. Lisboa: Typografia Nunesiana, jan. 1789.

POMME, Pierre. **Traité des affections vaporeuses des deux sexes**. Lyon: B. Duplain, 1763.

PORTER, Roy. **Das tripas coração**: uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004.

REDDY, William M. **The Navigation of Feeling***:* A Framework for the History of Emotions. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

STAROBINSKI, Jean. **A tinta da melancolia**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

Recebido: 29/05/2026

Aprovado: 08/09/2026